

# LITERATURA E COMUNIDADE: A FORMAÇÃO DO LEITOR EXTRAMUROS ESCOLARES

LITERATURE AND COMMUNITY: THE FORMATION OF  
READERS OUTSIDE SCHOOL WALLS

*Renata Toigo<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Mestre e doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. [renata.toigo@edu.pucrs.br](mailto:renata.toigo@edu.pucrs.br)

---

---

**RESUMO:** A formação leitora é exemplificada, no presente artigo, a partir das práticas extramuros escolares, nas bibliotecas comunitárias do Cirandar. A escolha desse modelo visa a divulgar e a incentivar experiências profícuas de letramento literário em territórios de periferias empobrecidas. Estudiosos como Cosson (2011), Colomer (2007), Petit (2009, 2013) entre outros, relacionados à formação e mediação leitora, são usados como referência e nos fazem entender, a importância dos espaços comunitários para a garantia do direito e acesso à leitura e à literatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação Leitora; Bibliotecas Comunitárias; Leitura Compartilhada; Literatura.

**ABSTRACT:** The reading training is exemplified, in this article, starting the outside school practices, in the community libraries of Cirandar. The choice of this model aims at disseminating and encouraging fruitful experiences of literary literacy in impoverished peripheries. Scholars such as Cosson (2011), Colomer (2007), Petit (2009, 2013) among others, related to training and reading mediation, are used as a reference and let us understand, the importance of community spaces to guarantee the right and the access to reading and the literature.

**KEYWORDS:** Reading Formation; Community Libraries; Shared Reading; Literature.

A promoção da leitura traz uma ideia de resistência. Quando se trata de projetos de formação de leitores em espaços de periferia, essa concepção de leitura como resistência ganha ainda mais força. Nos territórios empobrecidos, onde competem com a educação os inúmeros dramas diários como a falta de saneamento básico, alimentação escassa, carência em saúde pública, pouco ou nenhum acesso a bens culturais, violências domésticas, entra a literatura como suporte para ajudar as pessoas a (re)construírem e a (re)descobrirem a si mesmas, de modo a serem um pouco mais autoras de suas vidas, sujeitos de seus destinos.

Michèle Petit (2009), em *A arte de ler ou como resistir à adversidade*, atesta a concepção da literatura como instrumento de transformação social. Em suas pesquisas, por diversos países da Europa e América Latina, tem mostrado o quanto a leitura da literatura permite “atravessar a noite, enfrentar a escuridão e a separação.” (PETIT, 2009, p. 65). Em se tratando de crianças que vivem em situações de crise a leitura é uma “via privilegiada para recuperar a experiência da criança que, em um ambiente calmo, protetor, estético (...) “trabalha” por meio do jogo da separação, se restabelece, e se emancipa.” (PETIT, 2009, p. 93).

Entendendo a literatura como um “espaço” de liberdade, a partir da qual é possível dar sentido à vida, encontramos exemplos de experiências de leitura compartilhada em bibliotecas comunitárias do Centro de Integração de Redes Sociais e Culturas Locais - Cirandar<sup>2</sup>, uma Organização da Sociedade Civil que dialoga e repensa alternativas para a educação, a transformação e a inclusão dos sujeitos culturais, comunicativos e criativos. A organização, criada em 2008, surge com a proposta de desafiar, fortalecer e mobilizar as redes sociais em prol do saber e da cultura. Os programas e projetos de intervenção são guiados pela educação popular como ferramenta de transformação social, e se propõem a apoiar, incentivar e criar redes de ações comunitárias e práticas sustentáveis, fomentando alianças de fortalecimento da cidadania.

Atualmente, a instituição desenvolve quatro diferentes linhas de ação: (i) de-

---

2 Mais informações sobre os projetos do Cirandar podem ser encontradas no site institucional: <http://www.cirandar.org.br/>. Acesso em 25 jun. 2020.

mocratização do acesso ao livro e à literatura; (ii) formações, cursos e educação popular; (iii) fomento à arte e cultura; (iv) fortalecimento de redes e organizações. Na primeira linha de ação, atua com promoção e fortalecimento de espaços de leitura e de bibliotecas comunitárias<sup>3</sup>, uma preocupação de que sejam espaços potencializadores da vida intelectual, afetiva e social das comunidades e, vê a leitura como direito humano essencial para a conscientização e fortalecimento dos sujeitos.

É por entender a literatura como direito humano essencial que a organização, como gestora dos espaços comunitários de leitura, está sempre atenta para pensar um acervo que possa identificar-se com o público real e potencial que frequenta as atividades. A escolha de proporcionar para cada leitor obras significativas reflete que não há a preocupação apenas com dados quantitativos, mas com a ordem do humano. A concepção da instituição, sobre a composição de acervo, está alinhada com o pressuposto de Silvia Castrillón (2011). A estudiosa destaca o quanto as bibliotecas deveriam ser constituídas juntamente com a comunidade, para ser possível compor um acervo que proporcione a leitura como meio de inclusão social, e não como forma de afastar os leitores pela não identificação com o texto, contexto e intertexto. Espaços de leitura devem fomentar o interesse e o gosto pela leitura, devem permitir

a descoberta do valor que ela tem como meio de busca de sentido, como referência de si mesmo no mundo e para o reconhecimento do outro. Bibliotecas onde a leitura não seja concebida como uma forma de passar o tempo, de se divertir, mas como algo imprescindível para um projeto de vida que pretenda superar a sobrevivência cotidiana. (CASTRILLÓN, 2011, p. 38).

Por conseguinte, o que a biblioteca e a leitura devem oferecer é “um espaço real e metafórico onde a pessoa possa se sentir suficientemente protegida para poder ir e vir livremente, sem perigo, para se abandonar à fantasia e ter a mente em outro lugar.” (PETIT, 2013, p. 69). Nesse sentido, encontramos nas bibliotecas comunitárias do Ci-

---

3 Atualmente o Cirandar é gestor de três bibliotecas comunitárias: A Biblioteca do Arquipélago, a Biblioteca Chocolatão e a Biblioteca Cirandar. Mais informações podem ser encontradas em: <http://www.cirandar.org.br/democratizacao/>. Acesso em 25 jun. 2020.

randar uma forma de contribuição para a emancipação das crianças e adolescentes que atravessam suas portas, não somente porque concedem o acesso ao saber, mas porque permitem a apropriação de bens culturais que auxiliam na construção de si mesmos e na abertura para o outro. As bibliotecas do Cirandar são espaços onde as crianças podem desenhar seus contornos, começar a traçar seus caminhos, se desprender do discurso dos outros e das determinações familiares e sociais.

O acervo das bibliotecas da referida instituição abarca as relações entre as literaturas de diferentes gêneros, povos e culturas. A composição do acervo de uma biblioteca em relação à outra é diferente, pois visa a entender as culturas de cada território, a fim de disponibilizar obras que dialoguem com as realidades locais. A escolha de colocar no caminho de cada leitor textos significativos reflete o entendimento da instituição na promoção de projetos de equidade social, garantindo o direito e acesso à leitura e à literatura, nas suas mais variadas formas.

Conforme Candido (2004), a literatura tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos, defende que todos possam ter acesso às diferentes culturas, porque “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável.” (CANDIDO, 2004, p. 33). Ou seja, para formar e letrar leitores é preciso dispor de um acervo que dialogue com os diferentes gêneros literários, com a multiplicidade de povos e com a diversidade cultural. Dessa forma, presume o respeito e a luta pelos direitos humanos e o direito inalienável à arte e à literatura em todas as suas modalidades e em todos os níveis sociais.

Da mesma forma que a composição do acervo, as ações de mediação de literatura se conectam na interface com outras linguagens artísticas como a música, pintura, fotografia, cinema, escrita. Os encontros em torno do livro e da leitura partem do pressuposto do letramento literário. Segundo Freire (1989), a leitura é antes de tudo uma interpretação do mundo em que se vive. Ler e representar o mundo em que se vive através da linguagem escrita. Ler e escrever, dentro desta perspectiva, é também libertar-se. Leitura e escrita como prática de liberdade cultural, de tomada de consciência. Dessa forma, o letramento não é uma manipulação mecânica de palavras, mas uma relação dinâmica que vincula linguagem e realidade, uma conexão entre texto, contexto e intertexto.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p. 9).

Falar de letramento extramuros das escolas, nos territórios populares, é falar, entre muitos outros, do problema da leitura e da escrita. “Não da leitura de palavras e de sua escrita em si próprias, como se lê-las e escrevê-las não implicasse uma outra leitura, prévia e concomitante àquela, a leitura da realidade mesma.” (FREIRE, 1989, p. 15).

Teresa Colomer destaca que os livros destinados às crianças pequenas devem conter histórias curtas a fim de “não ultrapassar os limites da capacidade de concentração e memória infantil e para não exigir demais de sua confusa atribuição nas relações de causa e consequência.” (COLOMER, 2007, p 55). Outro aspecto destacado pela estudiosa é a “consciência narrativa”, e o quanto a experiência da leitura da literatura como forma de cultura permite sentir-se parte de uma comunidade, uma “comunidade de leitores”.

A autora destaca o quanto a literatura é uma contínua construção de sentidos, e as narrativas infantis, não importam as idades a que se destinam, oferecem maneiras de ver o mundo e estão relacionadas a seis aspectos: (i) a aprendizagem com as formas prefixadas da literatura e da imagem - o itinerário de ampliação de modelos e gêneros na medida em que aumenta a capacidade de acompanhar sem perder-se; (ii) a familiaridade com as diferentes vozes de personagens, as vozes dos livros permitem adotar perspectivas distintas sobre o mundo; (iii) a incursão na experiência estética - a literatura permite uma forma especificamente humana de ver e sentir o mundo; (iv) a possibilidade de multiplicar ou expandir a experiência do leitor através da vivência dos personagens e a oportunidade de explorar a conduta humana de um modo compreensível - a literatura permite ser o outro sem deixar de ser o mesmo; (v) a ampliação das fronteiras do entorno conhecido - os livros têm o poder de levar a outros espaços e tempos, mostrar realidades desconhecidas e proporcionar prazer ao viajante que regressa; (vi) incursão na tradição cultural - cada texto, cada obra, se

forma em relação com o que já foi dito pelos demais, a leitura ajuda a criança a entender esse eco e estabelecer seu próprio diálogo com as culturas.

O que sustenta a ideia educativa da formação leitora é, desde sempre, o diálogo entre o indivíduo e as culturas. As atividades de leitura devem abrir espaço para a experiência, a capacidade de entender o mundo. Logo, pensar a leitura como formação implica, também, pensá-la como uma relação de produção de sentido.

Nessa formação da leitura como sentido, o importante não é o texto, mas a relação do sujeito com o texto com uma condição essencial, a de escuta. E ouvir o que não sabe, o que não quer, o que não precisa, ou seja, estar disposto à experiência de transformar-se. Larrosa (1996) sustenta a ideia da leitura como experiência. Mesmo quando confluem o texto adequado, o momento adequado e a sensibilidade adequada, ainda assim, a mesma atividade pode ser experiência para alguns e para outros não. “Perceber o sentido oculto ou manifesto de um texto seria, então, perceber essas coisas, essas ideias, esses sujeitos, esses contextos ou esses valores a partir do texto.” (LARROSA, 1996, p. 151).

A concepção de leitura como experiência, defendida por Larrosa, pode ser complementada pela tese de Cosson (2011). Este estabelece três etapas da leitura, pensadas de forma linear: antecipação, decifração e interpretação. Estas fases norteiam as perspectivas do letramento literário. Tal concepção foi aprofundada pelo estudioso em círculos de cultura e letramento literário<sup>4</sup>, junto aos diversos públicos, pelos espaços onde promove sua concepção.

A antecipação consiste nas operações que o leitor vai realizar antes de adentrar no texto em si, sendo relevantes os objetivos de leitura em si e os elementos que compõem a materialidade do texto, como o título, a capa, quantidade de páginas, ilustrações, entre outros.

A segunda etapa, a decifração, é a leitura das palavras em si. Muitas vezes, um leitor maduro decifra o texto com uma fluidez natural que nem percebe palavras escritas de modo errado e não se detém em palavras que não conhece o significado, pois o mesmo será recuperado no contexto.

---

4 As experiências nos círculos de cultura e letramento literário resultaram em obra que leva o mesmo título: COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2017.

Na interpretação, terceira etapa, temos a relação estabelecida pelo leitor ao processar o texto, ou seja, depende do que escreveu o escritor, do que leu o leitor e das convenções que regulam a leitura em uma determinada sociedade, ou seja, “interpretar é dialogar com o texto tendo como limite o contexto.” (COSSON, 2011, p. 41). Essas são as três etapas de leitura que guiam a proposta de letramento literário levantadas pelo autor. As práticas dos projetos de leitura, segundo o estudioso, precisam contemplar o processo de letramento literário, e não apenas a mera leitura das obras, pois:

ler é um processo que, qualquer que seja o ponto de partida teórico, passa necessariamente pelo leitor, autor, texto e contexto. Sem um deles, o circuito não se completa e o processo resulta falho. O diálogo da leitura implica ouvir o autor para entender o texto, construir o sentido do texto porque se compartilha os sentidos de uma sociedade; ou construir o sentido do texto ouvindo o autor e compartilhando os sentidos de uma sociedade no entendimento do texto. (COSSON, 2017, p. 41).

Leitor, autor, texto e contexto podem ser usados como ponto de partida para uma leitura, mas os quatro elementos devem ser igualmente reconhecidos como partes do processo de construção de sentido. A concepção de leitura do pesquisador é que o leitor comece a leitura com uma indagação, pois “se a leitura é um diálogo, todo diálogo começa essencialmente com uma pergunta, (...), cuja resposta nos leva a outra pergunta e a outra resposta e a outra pergunta.” (COSSON, 2017, p. 41). Desse modo, uma interessante estratégia é devolver em perguntas os questionamentos dos leitores, fazendo-os elaborar os processos de concepção de significados.

Nesse caminho, identificamos as ações de mediação de leitura do Cirandar em acordo com a proposição de Michèle Petit, quando ela explica que depende da escolha do texto feita, por um lado, pelos leitores e, por outro, pelos mediadores, que o trabalho se conforma, ao mesmo tempo, como promoção da leitura propriamente dita e/ou afirma-se como forma de incentivar e até melhorar e intensificar a autoestima do leitor.

A iniciativa do Cirandar está em acordo também com Candido, ao defender a leitura como direito humano essencial para a conscientização e fortalecimento dos sujeitos; com Colomer ao enfatizar o quanto a literatura é uma contínua construção

de sentidos. Identificamos no Cirandar uma instituição voltada à formação de um leitor crítico, que consegue estabelecer elos com sua cultura e com seu território. Para isso, as atividades de mediação de leitura<sup>5</sup> realizadas pelo Cirandar são planejadas e elaboradas em três etapas: sensibilização, mediação e ação cultural<sup>6</sup>. Essas etapas estão em consonância com a proposta de letramento literário de Cosson, bem como condizentes com a concepção freireana da leitura de mundo.

Na primeira etapa, chamada de sensibilização, busca-se garantir a atenção dos ouvintes para a expressão cultural que vai ser vivenciada, consiste nas operações realizadas antes de adentrar no texto. É o momento em que o mediador de leitura<sup>7</sup> utiliza estratégias de conquista do silêncio do grupo, falando com calma e atenção, convida as crianças para sentar em roda. Para essa roda, são oferecidas atividades como: cantigas, utilização de instrumentos musicais, poemas, parlendas, charadas, falas sobre autor, capa do livro ou tema da história a ser mediada. Enfim, atividades de curta duração para despertar o interesse para a história que vai ser lida.

Na mediação, segunda etapa, o foco está na leitura da obra em si, escrita e/ou ilustrada, com vistas ao encantamento pela leitura. As estratégias utilizadas pelo mediador buscam despertar esse prazer, destacam-se: domínio do texto a ser lido; tom de voz adequado; ênfase nas principais partes da história; estudo antecipado

---

5 Os desafios da formação de leitores em espaços comunitários do Cirandar foi tema central da dissertação de mestrado de Renata Toigo, com orientação da professora Dr<sup>a</sup> Regina Kohlrausch. Dessa forma, o presente texto traz alguns recortes de temas aprofundados na referida pesquisa, disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8460>. Acesso em: 25 de junho, 16h.

6 Informações sobre as etapas de mediação de leitura coletados de material de formação para mediadores de leitura nos arquivos do Cirandar.

7 Compreendemos como mediador de leitura o sujeito que estimula os leitores, mobiliza os conhecimentos prévios, prepara o cenário para a presença do texto literário e para o percurso da leitura, assim como, auxilia na decifração e interpretação. Dessa maneira, o mediador torna-se um propagador do conhecimento, e deve ter consciência de que a formação de leitores se dá pela prática e multiplicidade de textos e experiências. O Cirandar designa os mediadores de Educadores Sociais. Em uma perspectiva comunitária, o educador aprende e ensina numa via de mão dupla e, o diálogo é o meio de comunicação. Ele ajuda a construir, no território onde atua, com sua ação, espaços de cidadania que representam uma alternativa aos meios tradicionais de informação.

das palavras e expressões desconhecidas. Para alcançar o encantamento, o mediador pode usar as diversas maneiras de leitura, entre elas: a leitura do texto mostrando as imagens momentaneamente; a leitura do texto sem mostrar as imagens; a leitura do texto e o convite aos leitores para participarem de repetições; a leitura do texto fazendo as vozes dos personagens; o convite a um leitor para que leia o texto; a leitura de algumas partes e outras contadas, ou a contação da história com as próprias palavras, tendo o texto escrito como apoio. Além dessas maneiras de leitura, também há uma grande importância tem grande importância também o modo de ouvir as histórias: pode ser organizados em roda, sentados em cadeiras, almofadas, ou direto no tapete; pode ser de olhos vendados, sentados ou deitados; se a história for de suspense, pode-se deixar o ambiente escuro, entre outras possibilidades, sempre a critério do mediador, conforme capacitação oferecida pelo próprio Cirandar, uma vez que sua preocupação também se volta à formação dos mediadores de leitura.

Na terceira etapa acontece a ação cultural. É o momento de ler nas entrelinhas e de ler em diálogo com as outras linguagens artísticas. Dessa forma, são utilizadas técnicas para pensar, a partir do texto, o contexto em que o público está inserido, sempre levando em conta que diferentes histórias oferecem uma diversidade de possibilidades de ações culturais. Partindo dessas estratégias, são realizadas ações que dialogam com o texto mediado e/ou com o contexto em que a comunidade está inserida, a saber: construir outro final para a história, recontar a história, ilustrar a partir de um tema, conversar sobre o tema do texto, criar brincadeiras que tenham relações com a história, realizar uma caminhada na comunidade, conversar e debater sobre temas e assuntos que os textos suscitam, confeccionar algum objeto de maneira individual ou coletiva, entre tantas outras possibilidades.

Dentre o acervo das bibliotecas, são escolhidos para as mediações de leitura textos curtos, seguindo o pressuposto supracitado de Colomer (2007), a fim de manter o interesse das crianças na palavra que está sendo lida. Além de atentar para esse formato de texto, são também planejadas mediações que contemplem a variedade de gêneros e multiplicidade de culturas, as realidades locais em contato com a diversidade. Para isso, é fundamental a formação continuada dos mediadores em leitura e literatura, aspectos sobre infância, direitos humanos, participação social e

comunitária. Por ser uma instituição formadora, o Cirandar está sempre atento em oferecer, às crianças que participam dos diferentes projetos, atividades de qualidade, e isso perpassa a formação da equipe.

Os momentos de leitura compartilhada vivenciados nas bibliotecas do Cirandar não são desprovidos de sentido, estão conectados com os aspectos culturais das comunidades atendidas, logo, estão também de acordo com os pressupostos de Cosson (2017), do diálogo entre texto, contexto e intertexto. Essa forma de atuação permite criar vínculos sociais de amor e amizade com as crianças que ali chegam, sendo a presença e a escuta fundamentais, já que a leitura por si só é insuficiente para restabelecer os dramas existenciais e as separações habituais da vida, reiterando o que foi salientado por Petit (2009). Essa intersubjetividade com os profissionais da escuta, os mediadores, o diálogo com as culturas locais e outras práticas, se fazem necessários para formar crianças de voz ativa na luta por seus direitos, ou seja, confirma o objetivo de formar cidadãos críticos tendo como base e suporte a leitura da literatura.

É tarefa do mediador permitir que todos tenham acesso a seus direitos culturais nas suas mais diferentes formas. Por isso, tudo o que passa nas bibliotecas é da ordem do humano. O essencial é a mediação humanizada do mediador. “É assim que a criança pode sair das trilhas estreitas e repisadas para ousar a aventura da leitura.” (PATTE, 2012, p. 14). Nesses pequenos grupos informais, as crianças se sentem confiantes, aprendem a não ter medo de se expressar, se sentem reconhecidas e valorizadas.

A escolha de utilizar o livro como protagonista nas práticas diárias, isto é, como principal elemento na mediação, é uma crença da instituição no valor do texto literário, pois considera o poder desafiante da palavra escrita e ilustrada, uma vez que confronta nossas certezas com o universo ficcional. Nessa perspectiva de atuação do Cirandar, o livro, como veículo das narrativas ficcionais ou da expressão poética, é necessário e fundamental e, aos poucos, passa a fazer parte da vida daqueles que o escolhem. Portanto, para a efetivação dessa postura leitora, é preciso despertar o prazer para a leitura da literatura, para, depois, conectá-la com outras linguagens, como se propõe na terceira etapa, ou seja, estabelecer as relações do texto lido e comentado com o contexto interno e externo que envolve a comunidade, incluindo as demais linguagens artísticas.

Cabe destacar que essa proposição de letramento literário, apresentada a partir dos teóricos supracitados e das práticas encontradas nas bibliotecas comunitárias do Cirandar, instituição escolhida como modelo para este texto, como fundamento para o fortalecimento e formação de leitores, está relacionada com a convicção de que, nos territórios de periferia, onde estão localizados esses espaços de leitura, em que, à distância geográfica das regiões centrais, somam-se a fragilidade, as dificuldades econômicas, os obstáculos psicológicos e sociais, a alta criminalidade, o tráfico de drogas e o abandono familiar, entra o livro, como objeto raro, pouco familiar, investido de poder, que está separado por fronteiras visíveis ou invisíveis. “Se os livros não vão até eles, eles nunca irão até os livros.” (PETIT, 2013, p. 24).

É nessa divisa que, além do livro, entra também o mediador de leitura / educador social, que transcende o espaço da biblioteca comunitária e percorre a comunidade, pega os leitores pelas mãos e convida a adentrar o universo literário. Se não pegarmos os leitores pelas mãos e não os ajudarmos a percorrer os caminhos entre o mundo real e o ficcional, podemos perder as crianças em outras ladeiras da vida. Nesse sentido, a biblioteca comunitária configura-se como uma instituição social que abre suas portas para outras possibilidades, oportunidades para o mundo da fantasia e do afeto.

Por conseguinte, romper fronteiras e oferecer o livro juntamente com afeto e amorosidade, promovendo cirandas em torno da leitura da literatura, conectada com as leituras de mundo, as atividades planejadas visam à formação leitora, ao fortalecimento de sujeitos críticos, ao empoderamento para a participação política e social. Para isso, elas voltam-se à emancipação do leitor, com vistas a oportunizar a passagem de leitor iniciante para leitor em formação, até chegar ao que denominamos de leitor autônomo, que é aquele que entra na biblioteca e já sabe estabelecer preferências entre um escritor ou outro, ou entre gêneros literários e levar o livro para leitura em casa.

As bibliotecas comunitárias do Cirandar, por estarem localizadas em periferias e direcionadas àqueles que nossa sociedade deixa de lado, são estimuladas a mudar hábitos da biblioteca tradicional e transcender as paredes para se aproximar de todos, sem exclusividade, cumprem com

uma falta que deve ser reparada. Elas têm o desejo de dividir um

tesouro que não pode ficar reservado apenas para alguns. Elas sabem que a leitura, na medida em que abre caminhos, ajuda a lutar contra os determinismos e a lançar um olhar novo sobre a vida e os mundos próximos e distantes. A biblioteca é, portanto, necessária, lá onde a vida é particularmente difícil, às vezes mesmo alienante. É inútil esperar grandes recursos para começar. É preciso pôr mãos à obra sem demora e ir juntar-se às pessoas lá onde elas vivem, para que os livros se encontrem ao alcance das mãos, no coração da realidade de suas vidas. Essa proximidade é essencial. (PATTE, 2012, p. 104).

À vista disso, as bibliotecas comunitárias do Cirandar, com suas atividades de leitura, juntamente com a atuação dos mediadores proporcionam estabelecer contato com o que afeta as crianças: o lúdico, o estar junto, o olhar crítico, elementos constitutivos de uma relação. A representação marcada por um ideal comunitário: a humanização, função maior da literatura, como defende Candido (2004), bem como forma de resistência às adversidades, aos tempos difíceis e aos espaços em crise, conforme Petit (2009).

É consenso entre os estudiosos que ler literatura não transforma o mundo. No entanto, acreditamos que tal prática, promovida largamente e conectada com as culturas locais e populares, pode ajudar a humanizar e sensibilizar os sujeitos, e a partir deles a promoção de transformações coletivas. Quando o homem vive sem contato com a linguagem, com a educação, com as relações humanas e com a arte, não concretiza sua capacidade nata de imaginar, sonhar, inventar, criar, inovar e construir. Assim, defendemos, como Larrosa (1996), que ler literatura forma e transforma o ser humano, e, ao ser transformado, pode ele ser agente de transformação da comunidade em que vive. Pois, afinal, ninguém chega ao fim de um texto literário da mesma maneira que nele ingressou. Podemos sair mais alegres, mais tristes, mais esperançosos, mais confiantes, mais determinados, mais revoltados, mas nunca iguais.

## REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *O direito à literatura e outros ensaios*. BAPTISTA, Abel Barros (Org.). São Paulo: Angelus Novus, 2004.
- CASTRILLÓN, Silvia. *O direito de ler e escrever*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2011.
- COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2017.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- LARROSA, Jorge. Leitura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. (Org.) *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1996.
- PATTE, Geneviève. *Deixem que leiam*. Tradução Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.
- PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.